



---

## A implementação do possessivo ‘dele’ na língua portuguesa

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

**RESUMO:** Este trabalho trata da distribuição dos possessivos de terceira pessoa no português medieval a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, tendo como objetivo central delimitar a implementação do item ‘dele’ como forma possessiva. Defendemos terem sido concomitantes o aumento na frequência do artigo definido, a queda dos possessivos átonos de terceira pessoa e o aumento na frequência da variante ‘dele’. A fim de explicar a concomitância dos três processos, buscamos na teoria de Princípios e Parâmetros a noção de categoria D. Argumentamos que a competição entre as formas átonas de terceira pessoa e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria D estaria relacionada à implementação do possessivo ‘dele’.

Palavras-chave: Pronomes possessivos de terceira pessoa; implementação; mudança linguística.

### Introdução

Este trabalho trata de construções de posse de terceira pessoa no português medieval, realizadas através dos possessivos tônicos ‘seu(s)’, ‘sua(s)’, dos possessivos átonos ‘se’, ‘sse’, ‘sa(s)’ e ‘ssa(s)’ e das formas ‘ele(s)’, ‘ela(s)’, sendo essas sempre precedidas pela preposição ‘de’. Sob o enfoque teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), as realizações de posse acima foram analisadas como variantes, tomando-se como *corpora* textos escritos dos séculos XIII e XIV.

Nosso propósito é investigar a implementação<sup>1</sup> do possessivo ‘dele’ na língua portuguesa. Nesse sentido, defendemos a tese de que haveria uma concomitância entre o aumento na frequência de uso do artigo definido, a queda dos possessivos átonos de terceira pessoa e o aumento de frequência da variante ‘dele’. Com o objetivo de comprovar essa concomitância, recorreremos à noção de categoria D, formulada por Szabolcsi (1983) e defendida por Abney (1987) na teoria de Princípios e Parâmetros. Conforme buscaremos demonstrar neste trabalho, a competição entre as formas átonas de terceira pessoa e os artigos

---

<sup>1</sup> Como estabelecem Weinreich, Labov e Herzog (1968), a implementação – que seria um dos problemas relacionados ao estudo da mudança linguística – busca determinar quais seriam as condições que fomentam um determinado processo de mudança. Desse modo, ao investigarmos a implementação do possessivo ‘dele’, interessa-nos estabelecer quais seriam os fatores que teriam concorrido para a integração da forma ‘dele’ ao quadro dos pronomes possessivos de terceira pessoa.

definidos pela posição de núcleo da categoria D estaria diretamente relacionada à implementação do possessivo ‘dele’ na língua portuguesa.

É importante ressaltar aqui que existem trabalhos que, sob uma perspectiva variacionista, avaliam os fatores linguísticos e sociais que estariam favorecendo o emprego dos possessivos ‘seu’ e ‘dele’ no passado e no presente (SILVA, 1982, 1984, 1991, 1998a, 1998b; ALMEIDA, 1991). Entretanto, os trabalhos variacionistas já realizados sobre a distribuição dos possessivos de terceira pessoa não tratam pontualmente da implementação do possessivo ‘dele’. Dentre os trabalhos analisados, o único que realiza um estudo diacrônico das formas possessivas é o de Silva (1982), que toma como objeto a variação entre os possessivos ‘seu’ e ‘dele’ em *corpora* do português europeu e do português brasileiro compreendidos entre os séculos XV e XIX. Não há, portanto, trabalhos que tratam sistematicamente dos possessivos de terceira pessoa em um período anterior ao século XV.

## 1. ‘Seu’ e ‘Dele’ no português trecentista e quatrocentista

Ambos os itens ‘seu’ e ‘dele’ estão presentes nos textos dos séculos XIII e XIV. Diferentemente do que ocorre nos textos hodiernos, tais itens apresentam diferentes realizações gráficas e fonológicas. Veja-se o quadro abaixo:

‘seu’	‘dele’
<b>seu(s)</b>	<b>del</b>
<b>sseu(s)</b>	<b>delj</b>
<b>sua(s)</b>	<b>dely</b>
<b>ssua(s)</b>	<b>dele(s)</b>
<b>se</b>	<b>delle(s)</b>
<b>sse</b>	<b>delhe(s)</b>
<b>sa(s)</b>	<b>dela(s)</b>
<b>ssa(s)</b>	<b>della(s)</b>
	<b>delha(s)</b>

Quadro 1 – Realizações gráficas e fonéticas dos possessivos

Outra diferença é que ocorrem construções com redobro, como em (1):

(1) E pore~ ma~dou e outorgou esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **ssa morte dele** fiq(ue) liure e q(ui)the esse meyo desse casal. a esse Moest(eir)o de villari~o. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Diante desse quadro, interessa-nos chamar a atenção sobre a presença destes itens e formular a seguinte questão: estariam estes itens em variação no período analisado?

## 2. A constituição do corpus e a definição das variantes linguísticas

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e na utilização do programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001, realizamos um levantamento de dados que recobre os

séculos XIII e XIV. Fizemos um levantamento das ocorrências dos itens ‘seu’ e ‘dele’ e descrevemos contextos de uso.

A seguir, apresentaremos uma caracterização dos *corpora* que foram utilizados na análise da distribuição dos possessivos de terceira pessoa tanto no século XIII como no século XIV. Também apontaremos detalhadamente o tratamento quantitativo conferido aos dados, verificando a frequência de uso das variantes sob análise.

## 2.1. A amostra: constituição e caracterização

Os estudos de mudança linguística, que objetivam avaliar o percurso da mudança através de séculos, acabam se defrontando com uma grande dificuldade: a ausência de *corpora* que representem adequadamente o estado da língua em tempos pretéritos. Em casos como esse, em que o estudo da mudança linguística busca atestar o momento do aparecimento e/ou do desaparecimento de uma determinada variante linguística, a busca por textos escritos que se aproximem o máximo possível da linguagem vernácula se torna um instrumento indispensável. Em análises diacrônicas, como a realizada neste trabalho, os textos escritos acabam por se tornar a única evidência disponível para a caracterização da língua.

Com intuito de avaliar a distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII e XIV, adotamos o seguinte critério: foram analisados textos que totalizassem o mesmo número de palavras para cada século, para que fosse mantida uma uniformidade na pesquisa e para que se evitassem interferências nos resultados obtidos. Nesse caso, os textos utilizados totalizam 100.000 palavras em cada um dos séculos. Com base nesse critério, foram selecionados os seguintes *corpora* para os séculos XIII e XIV:

Século XIII	Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990)
	Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987)
	Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992)
	Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000)
Século XIV	Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951)
	Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992)
	Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994)

Quadro 2 – *Corpora* analisados em relação aos séculos XIII e XIV

## 2.2. Métodos e procedimentos

Realizada a seleção dos *corpora*, procedemos a um levantamento das ocorrências dos possessivos de terceira pessoa. No levantamento de dados, foram identificadas 2.371 ocorrências do item ‘seu’ em suas diversas realizações gráficas e 301 ocorrências do item ‘dele’ também em suas diversas realizações gráficas.

Pudemos observar que todas as ocorrências de ‘seu’ eram indicadoras de posse, mas apenas 67 ocorrências do item ‘dele’ o eram. Fizemos, então, um primeiro recorte, excluindo as ocorrências não possessivas de ‘dele’. Os casos de uso de ‘dele’ não possessivo podem ser agrupados em duas classes: (a) complementos verbais e (b) partitivos<sup>2</sup>, respectivamente exemplificadas a seguir:

(2) [...] estas h(er)dad(e)s mi~as p(er) tal p(r)eyto q(ue) volas ayades en toda vosa uida (e) poys a vosso pasame~to **faz(er)des delas** o q(ue) toda vossa voo~tad(e). (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(3) E eu Costa~ça be~etiz de suso d(i)ta lou´u´o (e) out(or)go totalas coussas de suso d(i)tas (e) **cada hu~a delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

As ocorrências de uso de ‘seu’ e ‘dele’ indicadores de posse somam um total de 2.438 dados, sendo 2.371 de ‘seu’ e 67 de ‘dele’, tendo sido ainda encontradas 9 ocorrências de redobro. A distribuição destas ocorrências, com base na realização gráfica, mostra o seguinte resultado:

Realização gráfica	N.º	%
seu	1172	48.1%
sseu	142	5.8%
sou	0	0%
suo	0	0%
sua	228	9.3%
ssua	12	0.5%
se	111	4.6%
sse	14	0.6%
sa	491	20.2%
ssa	201	8.3%
del	5	0.2%
delj	1	0.03%
dely	1	0.03%
dele	15	0.6%
delle	6	0.2%
delhe	3	0.08%
dela	20	0.8%

<sup>2</sup> As construções partitivas são definidas semanticamente como sendo a designação da parte em relação ao todo e apresentam a seguinte estrutura: (quantificador) + Preposição + Complemento (cf. MATHESON, 1990).

della	14	0.6%
delha	2	0.06%
Total	2438	

Tabela 1 - Número de ocorrências de itens possessivos de acordo com sua realização gráfica no *corpus*

Conforme mostrado acima, foram encontradas formas tônicas e átonas nos *corpora* analisados. As formas átonas são representadas pelos possessivos masculinos ‘se’ e ‘sse’ e pelos femininos ‘sa’ e ‘ssa’. Já as formas tônicas são representadas pelos possessivos ‘seu’, ‘sseu’, ‘sua’ e ‘ssua’ e ainda pelas diversas realizações gráficas atestadas para a forma ‘dele’ tanto no masculino como no feminino.

Na análise quantitativa realizada neste trabalho, serão considerados como relevantes o possessivo ‘dele’, independente do gênero, do número ou de sua realização gráfica, e todas as formas átonas e tônicas do possessivo ‘seu’ tanto no masculino como no feminino.

Na definição das variantes analisadas, é fundamental chamar a atenção para uma diferença pontual entre o português contemporâneo e o português arcaico em relação à interpretação semântica dos possessivos. O item ‘dele’ pode assumir uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Nesse caso, no português contemporâneo, o ‘seu’ pré-nominal e o item ‘dele’ só são paráfrases quando o nome, seguido por ‘dele’, aparece precedido por artigo definido. No português arcaico, verificamos que o item ‘dele’ pode também assumir uma interpretação delimitadora semelhante à do possessivo pré-nominal. No entanto, essa interpretação não depende da presença de um artigo definido, isto é, o possessivo ‘seu’ pré-nominal e o item ‘dele’ são também paráfrases quando o nome, seguido por ‘dele’, não é precedido por artigo definido.

As evidências partiram dos dados apurados, já que, em 31 das 67 ocorrências encontradas, o possessivo ‘dele’ apresenta uma interpretação delimitadora semelhante à do possessivo ‘seu’ pré-nominal mesmo com a ausência de artigo definido antes do nome que o acompanha. Uma prova disso é a existência de paráfrases como em (4):

(4) [...] q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse *aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada*<sub>i</sub> (e) *aas h(er)dades dela*<sub>i/k</sub> (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(4') [...] q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse *aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada*<sub>i</sub> (e) *aas suas*<sub>i</sub> *h(er)dades*

Veja-se que (4) e (4') e são paráfrases, já que delimitam a classe referida pelo nome. Em (4) e (4'), tanto ‘suas’ pré-nominal como ‘dela’ acompanhado de artigo delimitam o referente, que é representado pelo NP possuidor ‘a d(i)ta Qui~ta~a da Ramada’.

Por outro lado, também encontramos ocorrências em que o item ‘dele’, ao figurar em DPs possessivos [- definidos], sem a presença de artigo definido, apresenta uma interpretação ambígua, podendo ser interpretado como possessivo ou partitivo. Uma prova disso é a existência de paráfrases como:

(5) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros dellas**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(5') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros que pertencem a elas.**

A tabela a seguir apresenta a frequência de uso do item 'dele' em DPs possessivos [+/- definidos]:

	N.º	%
'Dele' em DPs possessivos com artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	33	49.3%
'Dele' em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	31	46.3%
'Dele' em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação ambígua	3	4.4%
Total	67	

Tabela 2 – Frequência do item 'dele' em DPs possessivos com e sem artigo antes do nome

Podemos, assim, apresentar os contextos sujeitos ou não à variação. Serão considerados como contextos variáveis aqueles que fomentam uma interpretação delimitadora para a forma possessiva. E, como vimos, essa interpretação semântica é encontrada, no português arcaico, com 'seu' na posição pré-nominal e com 'dele' antecedido ou não por um artigo definido, desde que haja uma interpretação delimitadora. A ocorrência de 'seu' pós-nominal é, por sua vez, considerada um contexto não-variável, já que leva a uma interpretação predicativa:

(6) E outrosy teem(os) por ben que todos os bispos e outra clerizya q(ue) den derytam(ent)e os dizimos d(e) todos seus bees e de tod(os) seus h(er)damentos que an q(ue) no~ su~ das **eyg(re)yas suas.** (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

Em (6), se estabelece uma interpretação predicativa e a referência do nome é genérica. Também é considerado um contexto não-variável a ocorrência do item 'dele' em DP possessivos sem a presença de artigo definido que apresentem uma interpretação ambígua, conforme exemplificado em (7):

(7) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros dellas.** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(7') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros que pertencem a elas.**

Neste ponto da discussão, surge outra questão: quanto à interpretação semântica, as variantes átonas e tônicas podem ser consideradas variantes? E as variantes átonas podem concorrer com a forma ‘dele’ apesar de cada uma ocupar uma posição diferente em relação ao núcleo verbal? As respostas são simples. A possibilidade de paráfrase entre formas átonas e tônicas e com o possessivo ‘dele’ permite responder positivamente às duas indagações. Comparem-se:

(8) [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia m(ar)ti’j’z **sa**<sub>i/k</sub>  
 mulher hu~u Casal (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(8’) [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia  
 m(ar)ti’j’z **sua**<sub>i</sub> mulher hu~u Casal

(8’’) [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia  
 m(ar)ti’j’z mulher **dele**<sub>i</sub> hu~u Casal

Assim, as realizações de ‘seu’ seriam variantes das realizações de ‘dele’, excetuando-se os casos em que ‘seu’ é pós-nominal e tem interpretação semântica de predicativo. Estamos agora diante do seguinte quadro:

Interpretação delimitadora					Interpretação predicativa							
Posição	Formas átonas		Formas tônicas			Posição	Formas átonas		Formas tônicas			
	‘seu’		‘seu’		‘dele’		‘seu’		‘seu’		‘dele’	
	N.º	%	N.º	%	N.		%	N.º	%	N.º	%	
Pré-nominal	815/817	99.8	1552/1554	99.9	–	–	–	–	–	–	–	
Pós-nominal	–	–	–	–	64/67	95.5	2/817	0.2	2/1554	0.1	3/67	4.5
Total	2431/2438		99.7%			Total	7/2438					0.3%

Tabela 3 – Distribuição das formas em análise com base na interpretação semântica

Apenas as ocorrências de mesma interpretação semântica podem ser consideradas variantes. Portanto, a análise quantitativa realizada neste trabalho estará pautada nos contextos que favorecem uma interpretação delimitadora, o que levará à quantificação das 64 ocorrências de ‘dele’ e das 2.367 ocorrências de ‘seu’ na posição pré-nominal.

### 3. Tratamento quantitativo dos dados

Neste trabalho, assume-se que a variação não é aleatória, mas governada por restrições linguísticas e não-linguísticas. Sob essa perspectiva, a metodologia da Sociolinguística Variacionista, ao se fundamentar na utilização de programas estatísticos, constitui uma ferramenta analítica segura que pode, portanto, ser utilizada tanto para o estudo de qualquer

fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas. As suas limitações acabam sendo as do próprio pesquisador, a quem cabe definir os fatores relevantes, levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, principalmente, interpretar os resultados com base em todo o aparato analítico disponibilizado pela teoria (cf. NARO, 2003).

No caso da distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII e XIV, os dados codificados foram submetidos ao programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001. Na realização da análise quantitativa, realizamos três tipos de cruzamento. Consideramos inicialmente todas as ocorrências de ‘seu’ e ‘dele’, independentemente da realização gráfica. Num segundo momento, consideramos apenas as formas átonas e tônicas do possessivo ‘seu’. Num terceiro momento, tivemos em conta apenas as formas átonas do possessivo ‘seu’ e as realizações do item ‘dele’. Chegamos, assim, à seguinte tabela:

	N.º	%
Formas tônicas de ‘seu’	1552	63.8%
Formas átonas de ‘seu’	815	33.6%
Formas tônicas de ‘dele’	64	2.6%
Total	2431	

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências por tipo de realização gráfica

Na realização deste trabalho, interessou-nos trabalhar pontualmente com duas variáveis independentes, a saber: a presença/ausência de artigo definido no DP possessivo e o século em que foram atestadas as formas possessivas.

Com a intenção de verificar, de forma mais consistente, a distribuição das variantes pesquisadas, realizamos, paralelamente, um levantamento dos possessivos de terceira pessoa também no século XV. Vale ressaltar aqui que não analisamos os dados do século XV quantitativamente porque, como já se destacou anteriormente, o trabalho de Silva (1982) já o faz. Portanto, apresentaremos os resultados obtidos para o século XV com a finalidade de validar a análise realizada neste trabalho. Para que fosse mantida uma uniformidade em relação aos dados dos séculos XIII e XIV, os textos analisados para o século XV também totalizam 100.000 palavras. Abaixo estão discriminados os *corpora* selecionados:

<b>Século XV</b>	Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944)
	Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997)
	Orto do Esposo – sd (MALER, 1956)
	Crónica do Conde D. Pedro de Meneses – sd (BROCARDO, 1994)

Quadro 3 – *Corpora* analisados em relação ao século XV

Apresentamos, a seguir, a frequência de uso das variantes em cada um dos três séculos:



	Variantes átonas de 'seu'		Variantes tônicas de 'seu'		Variante 'dele'	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Século XIII	576/1339	43%	730/1339	54.6%	33/1339	2.4%
Século XIV	239/1092	21.9%	822/1092	75.3%	31/1092	2.8%
Século XV	42/1952	2.2%	1632/1952	83.6%	278/1952	14.2%
Total	857/4383	19.6%	3184/4383	72.6%	342/4383	7.8%

Tabela 5 – Frequência das variantes nos três séculos

Vemos, na tabela acima, que a queda dos possessivos átonos ocorre de forma bastante acentuada do século XIV para o século XV. Por outro lado, as formas tônicas apresentaram um aumento muito expressivo em sua frequência de uso. Esses perfis serão discutidos na próxima seção, já que, através da quantificação de dados, a nossa intenção é fornecer pistas sobre a implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa.

#### 4. A queda dos possessivos átonos e a definição de um percurso de mudança

Nesta seção, analisaremos a distribuição dos possessivos de terceira pessoa com o intuito de verificar se haveria alguma correlação entre o perfil dos possessivos átonos 'se', 'sse', 'sa(s)', 'ssa(s)' e o perfil do possessivo 'dele'. O gráfico 1 exibe os dois perfis:

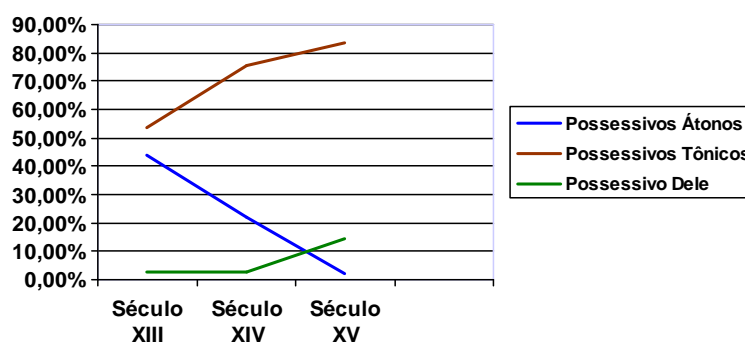


Gráfico 1 – Distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV

A partir do gráfico acima, é possível comparar a distribuição dos três tipos de realização de possessivos. É revelado aqui algo, até certo ponto, surpreendente: uma inversão na frequência de uso se dá em relação às formas átonas e 'dele' e não em relação às formas tônicas e 'dele', como era de se esperar. Outra informação evidenciada no gráfico é que a frequência de uso das variantes tônicas de 'seu' e 'dele' se dá em proporção constante.

Com base nos resultados apresentados acima, discutiremos, a seguir, quais seriam os fatores que estariam relacionados à queda dos possessivos átonos e à definição de um perfil ascendente para os possessivos tônicos e para o possessivo 'dele'. É nossa intenção definir qual seria a relação entre a queda dos possessivos átonos e a implementação do pronome 'ele' como possessivo.

#### 4.1. A posição estrutural dos possessivos átonos de terceira pessoa

Como vimos, os possessivos átonos apresentaram um decréscimo bastante significativo do século XIII ao século XV. Como discutiremos adiante, essa queda foi acompanhada por um aumento na frequência de uso do artigo definido anteposto à forma possessiva, conforme mostra a gráfico 2:

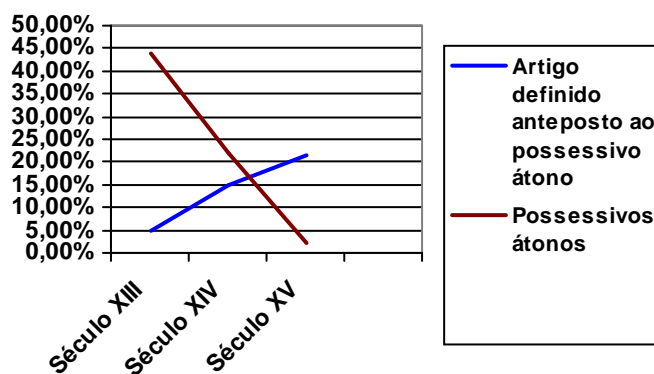


Gráfico 2 – A correlação entre o número total de possessivos átonos e o aumento na frequência do artigo definido

Vê-se aqui um aumento considerável na frequência de uso do artigo definido diante dos possessivos átonos.

De acordo com Muller (1997, 1998), as formas possessivas em posição pré-nominal incorporariam um papel delimitador semelhante ao que é desempenhado pelo artigo definido. A autora argumenta que a anteposição de um pronome possessivo a um núcleo nominal realizaria uma operação em que o constituinte [Poss[N]] é passível de ser tomado como argumento de um outro predicado. Nesse caso, em um enunciado como ‘meu gato dorme’, o nome ‘gato’, ao se unir ao possessivo ‘meu’, formaria sintaticamente um NP passível de ser tomado como argumento do sintagma flexional ‘dorme’. Semanticamente, o nome ‘gato’ seria delimitado pelo possessivo ‘meu’: ‘meu gato’ denotaria não mais um conjunto, mas uma entidade em particular (cf. MULLER, 1997, p.164).

Conforme defendemos neste trabalho, os possessivos átonos de terceira pessoa teriam perdido sua tonicidade e passado por um processo de cliticização<sup>3</sup>, ocorrendo como formas átonas que não podem se estabelecer por si mesmas e que devem, portanto, estar ligadas a uma base. A redução fonológica indica que os possessivos átonos de terceira pessoa teriam migrado da posição de adjunto para a posição de núcleo do determinante, desempenhando uma função delimitadora semelhante à apresentada pelos artigos definidos.

Desse modo, quando os artigos definidos começaram a competir por uma mesma posição estrutural, núcleo de D, a consequência teria sido a drástica queda na frequência dos possessivos átonos. Se nossa proposta estiver correta, ocorrências do tipo [Det + pronome átono] assinalariam uma etapa de uma mudança que alterou o conteúdo de D<sup>o</sup>:

<sup>3</sup> Como destaca Pizzanelli (1998), os clíticos são formas átonas que não podem se estabelecer por si mesmas, devendo estar ligadas a uma base.

(9) E se fillos lijdimos no~ ouu(er) aiano os pare~tes mays achegados q(ue) ouu(er) ou a q(ue~) el ma~dar **a ssa morte**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

Com o propósito de fornecer evidências a favor de nossas suposições, vamos considerar algumas propostas de análise da estrutura do DP no quadro da teoria de Princípios e Parâmetros.

Na “Hipótese do DP”, inicialmente formulada por Szabolcsi (1983) e defendida por Abney (1987), o determinante é considerado o núcleo do sintagma nominal, já que a projeção máxima passa a ser a categoria funcional D e o NP é interpretado como sendo seu complemento. Nesse caso, como destacam Fukui e Speas (1986), na projeção das categorias funcionais haveria apenas uma posição disponível para núcleo. Nessa proposta, os artigos definidos são analisados como núcleos funcionais que ocupariam, assim como os pronomes demonstrativos e os quantificadores, a posição de núcleo do determinante. Essa posição poderia ser ocupada ainda pelos possessivos clíticos, que seriam, nesse caso, movidos de Spec,AgrPossP para D°.

Cardinaletti (1998), ao propor uma descrição para os possessivos clíticos, considera, a partir desse movimento para o núcleo do determinante, que não seria possível sua co-ocorrência com os artigos definidos. Nesse caso, a ausência de artigo definido seria considerada uma propriedade dos possessivos clíticos, já que eles e os artigos definidos se encontrariam em distribuição complementar.

Conforme demonstrado anteriormente, o decréscimo no uso dos possessivos átonos teria sido acompanhado por um perfil ascendente para os possessivos tônicos. No caso das formas tônicas, o aumento na frequência de uso dos artigos definidos não teria acarretado, no plano sintático, nenhuma restrição, visto que não compartilham a mesma posição estrutural: enquanto os artigos definidos ocupam a posição de núcleo de D, os possessivos tônicos ocupam a posição de Spec,AgrPossP.

A queda dos possessivos átonos também estaria diretamente relacionada à implementação do item ‘dele’ como possessivo e, nesse caso, o padrão de concordância apresentado pelos possessivos átonos ‘se’ e ‘sse’ exerceria um papel fundamental na definição desse percurso de mudança. O possessivo ‘dele’ direcionaria suas marcas de concordância em relação ao possuidor, ao passo que os possessivos ‘seu’ e ‘sua’ concordariam em gênero e número com o substantivo a que precedem ou seguem.

No português arcaico, enquanto os possessivos tônicos ‘seu’, ‘sseu’, ‘sua’, ‘ssua’ e as formas átonas femininas ‘sa’ e ‘ssa’ estabelecem uma relação de concordância de gênero e número sempre com o item possuído, ‘se’ e ‘sse’ não apresentam esse padrão de concordância, já que concordam em número com o NP possuidor.

Vejamos o exemplo a seguir:

(10) O **d(i)to Priol** (com) **sse** ffrades diuisaro~ (e) mostraro~ logo os pardeeyros do Casal da d(i)ta Qui~ta~a (e) as vi~as deuesas (e) ca~pos (e) casas (e) pumares. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

Na ocorrência acima, vemos que os possessivos átonos masculinos não concordam em número com o NP possuído, como ocorre com as demais formas átonas ou tônicas de ‘seu’ e ‘sua’. Em (10), o possessivo ‘sse’ concorda no singular com o NP possuidor ‘d(i)to Priol’, e não com o NP possuído plural ‘ffrades’.

Nos dados apurados nesta pesquisa, não foi encontrada nenhuma ocorrência de possessivos masculinos átonos no plural. Nesse caso, verificamos que, sem exceção, quando

há a anteposição dos possessivos átonos ‘se’ e ‘sse’ a um nome no plural, a concordância não se faz com esse nome, mas sim com o NP possuidor que se encontra no singular. Portanto, as evidências encontradas nos *corpora* analisados levam a concluir que, no percurso de mudança que caracterizou os possessivos de terceira pessoa, a queda dos possessivos átonos ‘se’ e ‘sse’ teria sido acompanhada pelo aumento de frequência do possessivo ‘dele’. As formas ‘se’ e ‘sse’ compartilhariam com o possessivo ‘dele’ a concordância em número com o NP possuidor, e não com o NP possuído.

Observa-se, assim, que a queda dos possessivos átonos – decorrente do aumento na frequência dos artigos definidos –, teria concorrido para a implementação do pronome ‘ele’ como possessivo, forma que recuperaria, nesse contexto de mudança, uma relação de concordância até então apresentada pelos possessivos ‘se’ e ‘sse’.

#### 4.2. A definição de um perfil ascendente para os possessivos tônicos

Agora vamos tratar dos perfis das variantes tônicas de ‘seu’ e do possessivo ‘dele’. Inicialmente repetiremos aqui o gráfico abaixo, já previamente apresentado.

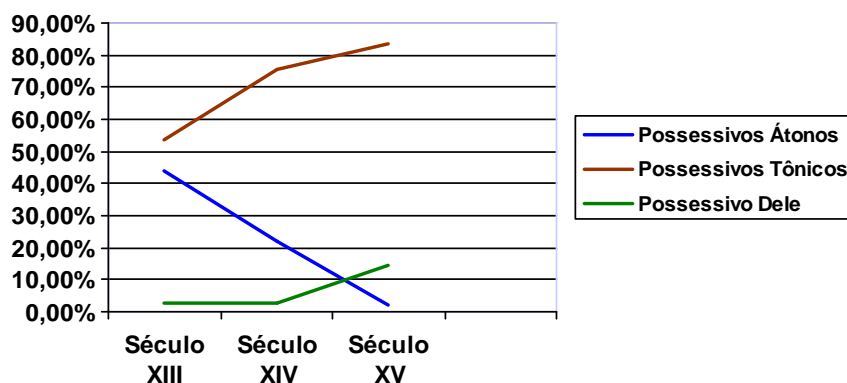


Gráfico 3 – Distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV

Este gráfico mostra que, a partir de meados do século XIV, se inicia um aumento na frequência de uso das variantes tônicas de ‘seu’ e do item ‘dele’. Esse aumento dá-se na mesma proporção, conforme se vê pelo paralelismo observado entre as duas retas marrom e verde, no gráfico. Como já mencionamos, ‘seu’ concorre com ‘dele’ quando ambos são delimitadores. Nesse caso, o possessivo ‘dele’, mesmo ocorrendo na posição pós-nominal, pode apresentar uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal mesmo em contextos [- definidos], caracterizados pela ausência de um artigo definido. Exemplificamos aqui os contextos em que as variantes tônicas de ‘seu’ e o item ‘dele’ concorrem, já que apresentam interpretação delimitadora:

(11) Feito em Gaya por Steuã Perez, tabelião na vila de Gaya e em **seu** termo. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(12) E disse o d(i)to scudeiro q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada (e) aas h(er)dades **dela**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(13) [...] q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de do-Rejnaldo (e) de dona Meny~a ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs *Morte deles*. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Vimos que estão excluídos, portanto, os casos em que ‘dele’, presente em contextos sem artigo definido antes do nome, apresenta uma interpretação ambígua entre partitivo e possessivo e os casos em que o possessivo ‘seu’ ocorre na posição pós-nominal, com uma interpretação predicativa. Vale ressaltar aqui que são raros os casos em que ‘seu’ ocorre nessa última posição. Nos *corpora* referentes aos séculos XIII e XIV, como mencionado anteriormente, foram encontradas apenas 2 ocorrências. A análise de *corpora* do século XV confirmou essa baixa frequência, visto que encontramos também apenas 2 ocorrências de ‘seu’ na posição pós-nominal. Embora as formas tônicas de ‘seu’ concorram com ‘dele’ quando ambos são delimitadores, as duas variantes apresentam um ponto em comum: o favorecimento pelo uso do artigo definido.

Conforme já discutido e demonstrado, o aumento na frequência do artigo definido anteposto à forma possessiva foi acompanhado pela queda dos possessivos átonos. Por outro lado, as formas tônicas eram favorecidas pela presença do artigo definido, já que, diferentemente das formas átonas, não competiam com os artigos pela posição de núcleo da categoria D. O gráfico a seguir ilustra o favorecimento das formas tônicas com artigo definido:

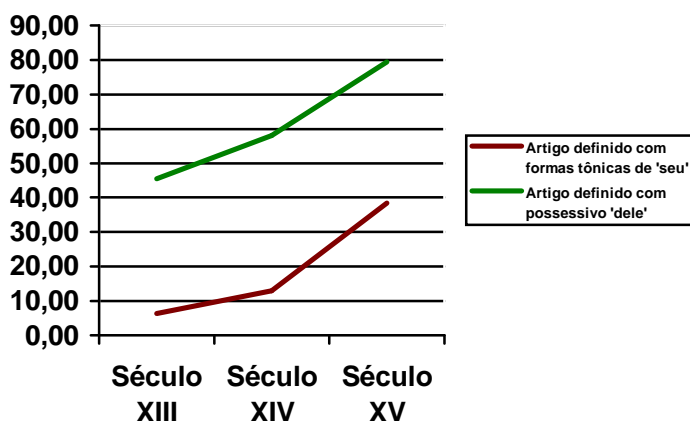


Gráfico 4 – A frequência das formas tônicas com artigo definido

Este gráfico revela o nítido favorecimento das formas tônicas com artigo definido. As retas marrom e verde confirmam que o aumento na frequência das variantes tônicas de ‘seu’ e do item ‘dele’ com artigo definido se dá na mesma proporção de um século para o outro. Diferentemente dos possessivos átonos, as formas tônicas não seriam movidas de Spec,AgrPossP para D e não levariam a uma competição pela mesma posição estrutural.

Segundo Kroch (1994), a mudança linguística e gradual, definida no perfil dos gráficos, ocorre a partir de uma competição entre formas gramaticalmente incompatíveis. A partir da Hipótese da Proporção Constante (Constant Rate Hypothesis), o autor assume que, nos casos em que há competição de gramáticas, as frequências de uso variam na mesma proporção nos contextos em que ocorre a mudança. Ao tratar da competição entre gramáticas,

o autor ainda destaca que os núcleos sintáticos não admitem a co-ocorrência de formas que não são funcionalmente diferenciadas.

No processo de mudança em estudo aqui, observamos uma confirmação da Hipótese da Proporção Constante, uma vez que assistimos a um aumento na frequência da forma ‘dele’ e das variantes tônicas de ‘seu’. Como há uma competição entre artigos definidos e possessivos átonos pela mesma posição estrutural, o aumento na frequência do artigo trouxe como consequências a queda das formas átonas – evitando a co-ocorrência de formas funcionalmente semelhantes – e a definição de um perfil ascendente para as formas tônicas. Os gráficos acima confirmam, nesse caso, que a definição de um perfil ascendente para as formas tônicas de ‘seu’ e para o item ‘dele’ se deu na mesma proporção, visto que ambas as variantes, diferentemente dos possessivos átonos, são favorecidas pela presença do artigo definido. Como não há competição entre os artigos definidos e as formas tônicas, elas apresentam, em proporção constante, um nítido acréscimo em sua frequência de uso de um século para o outro.

## Conclusões

O primeiro ponto que chamou a atenção foi a ausência de trabalhos que tratem sistematicamente dos possessivos ‘seu’ e ‘dele’ antes do século XV. Silva (1982) realiza um estudo diacrônico desses itens, mas o faz em relação a *corpora* produzidos entre os séculos XV e XX. A análise da autora não trata, desse modo, de duas questões altamente relevantes: a introdução do item ‘dele’ como possessivo na língua portuguesa e a distribuição das variantes átonas de ‘seu’. Este trabalho, desse modo, avança em relação ao trabalho de Silva (1982) ao discutir os fatores que concorreram para a queda dos possessivos átonos e ao analisar a implementação de ‘dele’ como possessivo, identificando os contextos que favoreciam essa variante.

Além disso, este trabalho demonstrou que havia uma competição nítida entre as variantes átonas e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria funcional D, fazendo com que o aumento na frequência do artigo diante de possessivo no português arcaico levasse conseqüentemente à queda das variantes átonas de ‘seu’. Enquanto as formas átonas competiam com artigos pela mesma posição, a variante ‘dele’ era favorecida por contextos [+específicos], caracterizados pela presença de artigo definido.

A realização deste trabalho permitiu, dessa forma, não apenas descrever a distribuição das formas variantes, mas principalmente determinar os contextos em que ocorreu a entrada da variante ‘dele’ no sistema.

**ABSTRACT:** This work analyzes the distribution of the third person possessives in the Medieval Portuguese based on the assumptions of variationist sociolinguistics, intending to establish the actuation of ‘dele’ as a possessive form. We argue that the increasing of definite articles usage frequency, the decreasing of clitic possessives and the increasing of ‘dele’ usage frequency would be concomitant. To explain the co-occurrence of these processes, we analyze the D category based on Principles and Parameters Theory. We believe that the competition between third person clitic possessives and definite articles for the same position would be related to the actuation of ‘dele’.

**KEYWORDS:** Third person possessive pronouns; actuation; linguistic change.

## Referências bibliográficas

- ABNEY, S. *The English Noun Phrase in Its Sentential Aspect*. Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1987.
- ALMEIDA, A. B. *Pronomes possessivos de 3.ª pessoa no português falado de São Paulo*. (mimeo), 1991.
- BROCARD, M. T. (ed.) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Tese de Doutorado. Lisboa: F.C.S.H, 1994.
- CARDINALETTI, A. On The Deficient/Strong Opposition in Possessive Systems'. In: ALEXIADOU, A. & WILDER, Ch. (eds) *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: Benjamins, 1998.
- CINTRA, L. F. L. (ed.) *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, I.N.C.M, 1951.
- CINTRA, L. F. L. *Boletim de Filologia*, vol. Xxxi, 1990.
- FERREIRA, J. A. (ed.) *Afonso X, Foro Real*, Lisboa, i.n.i.c, 1987.
- FUKUI, N. & SPEAS, M. *Specifiers and Projection*. MIT Working papers in Linguistics, 8, 1986.
- GARVÃO, M. H. (ed.) *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, f.l.u.l, 1992.
- KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (orgs) *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society. Parasession on variation and linguistic theory*, 1994.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Princípios del cambio lingüístico*. vol. 1. Trad. de Pedro Martin Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vols. 1 e 2. Malden/Mass.Blackwell, 2001.
- MALER, B. (ed.) *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- MARTINS, A. M. (ed.) *Clíticos na História do Português - Apêndice Documental*, vol. 2, Tese de Doutorado, Lisboa, 1994.
- MARTINS, A. M. (ed.) *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada, 2000.
- MATHESON, C. (1990) Syntax and Semantics of English Partitive Noun Phrases: A Phrase Structure Account. PhD Dissertation. Edinburgh: University of Edinburgh.
- MULLER, A. L. *A Gramática das formas Possessivas no Português do Brasil*. CAMPINAS: UNICAMP. Tese de Doutorado, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O significado da ordem dos pronomes possessivos no sintagma nominal*. Revista da ANPOLL. , v.4, 1998.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NETO, J. A. S. (ed.) *Dois Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1997.
- PIEL, J. (ed. crit.) *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Lisboa: Bertrand, 1994.
- PIZZANELLI, N. L. F. (1998) *Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- RODRIGUES, M. C. M. *Dos Costumes de Santarém*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, F.L.L.b, 1992.

- SZABOLSCI, A. The possessor run away from home. *The Linguistic Review* 3, 1983.
- SILVA, G. M. de O. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado, 1982.
- \_\_\_\_\_. Variação no sistema possessivo de terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*. 1984.
- \_\_\_\_\_. Um Caso de Definitude. *Organon*. Rio de Janeiro, 1991.b
- \_\_\_\_\_. Os Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral. In: SILVA, G. M. de & SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral: resultados sociais. In: SILVA, G. M. de & SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998b.
- SZABOLSCI, A. The possessor run away from home. *The Linguistic Review* 3:89-102, 1983.
- WEINREICH, U., LABOV, W. HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.